

POLÍTICA ECONÔMICA

Em contraste com o que aconteceu há quatro anos, quando indicadores como dólar e risco-país atingiram níveis recordes, desta vez nem as pressões dentro do governo reeleito mudam o humor dos investidores

Mercado inabalável

MARCELO TOKARSKI

DA EQUIPE DO CORREIO

A pesar das pressões vindas de dentro do próprio governo para que a economia brasileira acelere o ritmo de crescimento, à custa de mudanças na política econômica, o mercado financeiro navega num mar de tranquilidade. Confiantes de que o presidente reeleito não abandonará preceitos como o controle da inflação e o superávit primário de 4,25% do Produto Interno Bruto (PIB), os agentes financeiros dão de ombros para o que disse, por exemplo, o ministro Tarso Genro (Relações Institucionais), que decretou o fim da "era Palocci" e do "neurótico" controle da inflação. Ou para aqueles, como os ministros Guido Mantega (Fazenda) e Dilma Rousseff (Casa Civil), que defendem a adoção de metas de crescimento, mesmo que para isso o país tenha de conviver com um pouco mais de inflação.

O cenário em nada lembra o vivido há quatro anos, quando o presidente Luiz Inácio Lula da Silva liderava as pesquisas de intenção de voto e o mercado especulava contra o chamado risco-PT. (Leia mais na página 27)

DISTENSÃO EM QUATRO ANOS

Setembro de 2002

✓ A tensão toma conta do mercado financeiro brasileiro. Preocupados com o crescimento do então candidato Lula nas pesquisas, os investidores pisam no freio e derrubam os indicadores. O dólar chega a quase R\$ 4 — um recorde. O risco-país sobe quase 2.500 pontos. A Bolsa despenca. O receio era que, se eleito, o governo petista poderia mudar bruscamente a política econômica. O chamado risco-Lula, capaz de abalar um mercado que via em José Serra seu candidato ideal.

Outubro de 2002

✓ Com a vitória de Lula dada como certa, o nervosismo começa a arrefecer. No entanto, até meados do mês o dólar acumula alta superior a 60%. Pouco antes do segundo turno, o risco-país recua para cerca de 1.800 pontos — patamar ainda elevado. Com tanta especulação, os investidores estrangeiros ganham muito dinheiro no Brasil. O prejuízo causado ao Tesouro Nacional passa dos R\$ 23 bilhões. A inflação dispara e fecha o ano em 12,53%, o maior índice em sete anos.



Jose Cruz - ABr - 18/12/03

LINHA DURA DE MEIRELES NO BC DERRETEU A INFLAÇÃO

Outubro de 2006

✓ Mais de um ano depois do surgimento de denúncias de corrupção no governo, que derrubaram seus principais ministros — incluindo Antonio Palocci, o todo-poderoso ministro da Fazenda —, o presidente Lula é reeleito com ampla margem de votos. Durante o processo eleitoral, o mercado financeiro se manteve tranquilo. Hoje, o dólar gira em torno de R\$2,15. A Bolsa quebra recordes sucessivos. O risco-país está pouco acima dos 200 pontos, patamar 10 vezes menor do que há quatro anos.

✓ Graças a uma política econômica ainda mais

ortodoxa que a conduzida pelos tucanos, o presidente do Banco Central, Henrique Meirelles, levou a inflação para baixo dos 3% pela primeira vez desde 1998. Quatro anos depois da crise de desconfiança, o mercado não se preocupa mais com o risco-Lula, nem mesmo com as recentes pressões, surgidas dentro do próprio governo, para que a política econômica privilegie o crescimento, e não o controle inflacionário. Controle que, nas palavras do próprio presidente reeleito, será mantido no quadriênio 2007-2010.

✓ A comparação dos cenários levanta a questão: o que mudou nos últimos quatro anos? Para conhecer as causas da atual tranquilidade do mercado financeiro, o *Correio* ouviu vários analistas. Segundo eles, o presidente Lula conquistou a confiança dos agentes financeiros, ao conduzir uma política econômica rigorosa, que derrubou a inflação; ao instituir, na prática, a autonomia do Banco Central (BC), que não se deixa influenciar por forças políticas na hora de definir a taxa básica de juros da economia; ao manter o superávit primário em 4,25% do PIB, ou, às vezes, um pouco acima disso.